DA DEPENDÊNCIA À GLOBALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DA CATEGORIA TRABALHO NA ECONOMIA POLÍTICA DE RUY MAURO MARINI

Palavras-Chave: Teoria Marxista da Dependência; Superexploração; Trabalho; Ruy Mauro Marini.

Autores(as):

Vinicius Godoi, IFCH/Unicamp

Prof. Dr. Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias (orientador), IE/Unicamp

Profª. Drª. Aline Marcondes Miglioli (coorientadora), IE/Unicamp

---

INTRODUÇÃO:

Este projeto de pesquisa propõe-se a analisar criticamente a categoria de *superexploração da força de trabalho* no pensamento do intelectual marxista brasileiro Ruy Mauro Marini, figura central da tradição crítica latino-americana e um dos principais formuladores da Teoria Marxista da Dependência (TMD). Marini destacou-se por seu esforço teórico em apreender as especificidades do capitalismo nas formações sociais periféricas da América Latina, construindo uma abordagem que articulava a crítica da economia política marxista com a realidade histórica e estrutural dos países dependentes. Junto à Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos e André Gunder Frank, Marini foi protagonista na constituição e sistematização da TMD, corrente teórica que emergiu nas décadas de 1960 e 1970 como resposta à crise do modelo desenvolvimentista e à insuficiência analítica das interpretações tradicionais do subdesenvolvimento, particularmente aquelas formuladas sob a égide do estruturalismo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) (Marini, 1993).

A Teoria Marxista da Dependência buscou analisar criticamente o desenvolvimento econômico latino-americano a partir da inserção subordinada das economias da região na Divisão Internacional do Trabalho, enfatizando que a condição de subdesenvolvimento não poderia ser entendida como uma etapa necessária para que se atingisse graus elevados de desenvolvimento. Ao contrário, demonstrou que o subdesenvolvimento e a condição de dependência eram expressões estruturais do tipo particular de capitalismo que se desenvolveu na região. Segundo seus formuladores, a dependência remonta ao século XIX e está vinculada à lógica da acumulação capitalista global, marcada por relações assimétricas no mercado mundial e formas específicas de dominação entre nações.

Nesse contexto, a categoria *superexploração da força de trabalho*, já presente na economia política marxista, mas concebida por Marini como o cerne da acumulação dependente, constitui-se como um dos pilares teóricos mais significativos da TMD. Diferenciando-se das formulações clássicas sobre a extração de mais-valia, Marini argumenta que, nas economias dependentes, a acumulação de capital se sustenta estruturalmente sobre a *superexploração da força de trabalho*, operando por meio de mecanismos de exploração que ultrapassam os limites historicamente determinados nos países centrais. Em formações sociais dependentes, a fim de compensar as desigualdades existentes no âmbito do mercado mundial, em função da inserção subordinada no mercado mundial capitalista, o valor da força de trabalho é violado. A *superexploração*, assim, não é uma anomalia ou uma distorção, mas um traço constitutivo do capitalismo periférico e um elemento central na reprodução ampliada da dependência (Marini, 2017).

METODOLOGIA:

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter eminentemente teórico, a metodologia consiste na análise de material bibliográfico e na produção de resenhas sobre os textos lidos. Em um primeiro momento, buscou-se realizar uma análise bibliográfica geral sobre a Teoria Marxista da Dependência, com foco na contribuição teórica de Ruy Mauro Marini, para situar a análise da categoria *superexploração da força de trabalho* no escopo mais amplo da produção do autor brasileiro. Nessa primeira fase da pesquisa, foram selecionados, estudados e resenhados os textos clássicos do autor e os embates teóricos travados por Marini com alguns críticos da Teoria Marxista da Dependência, tal como Fernando Henrique Cardoso (1979) e Agustín Cueva (1974). Esses embates são de grande valia para a compreensão do processo de formação da TMD e para situar essa corrente teórica em relação aos seus críticos e às demais correntes de pensamento proeminentes na época.

Em um segundo momento, o enfoque da análise direcionou-se para a categoria *superexploração da força de trabalho*, central para a Teoria Marxista da Dependência, na medida em que marca a especificidade do desenvolvimento do capitalismo na periferia. Nesta etapa, buscou-se compreender de maneira mais pormenorizada o papel ocupado pela categoria *superexploração* na obra de Ruy Mauro Marini e na produção teórica dependentista como um todo. Além disso, nesta etapa, o objetivo foi pensar o cenário contemporâneo de precarização do trabalho no mundo a partir desta categoria. O intuito foi compreender se os processos de precarização do trabalho dos últimos cinquenta anos podem ser explicados a partir da categoria *superexploração*, e se, a partir disso, a *superexploração da força de trabalho* deixou de ser a característica distintiva das formações sociais dependentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em seu *Dialética da Dependência*, Ruy Mauro Marini sistematiza as formulações teóricas do que posteriormente seria reconhecido como a Teoria Marxista da Dependência. Neste texto inaugural e

introdutório, Marini buscava identificar, à luz das leis gerais da acumulação capitalista elaboradas por Marx, quais eram as leis específicas que regiam a acumulação de capital na periferia do sistema. Leis estas que geravam um tipo específico de formação social: a dependente.

Neste texto, Marini assenta as bases da Teoria Marxista da Dependência e propõe um modo novo de olhar para o desenvolvimento social e econômico latino-americano. Segundo o autor, a existência de um intercâmbio desigual entre as nações dependentes e o capitalismo central gerava uma transferência de valor das nações desfavorecidas para as nações economicamente desenvolvidas. Essas transferências de valor debilitavam as já enfraquecidas economias latino-americanas e provocavam uma concentração ainda maior de recursos nos países desenvolvidos. As formações sociais dependentes, ao invés de buscar corrigir essas distorções no âmbito do mercado mundial, buscavam compensar essa perda de excedente através da *superexploração* de sua própria força de trabalho. De maneira geral, esse esquema, reproduzido em escala ampliada, é o cerne do subdesenvolvimento da periferia e da crescente concentração de riqueza nos países centrais (Marini, 2017).

A *superexploração da força de trabalho* poderia ocorrer por meio de três procedimentos: o aumento da intensidade do trabalho, o aumento da jornada de trabalho e a redução da cesta de consumo dos trabalhadores (Marini, 2017). Entretanto, de acordo com Marini, o essencial reside no fato de que são negadas ao trabalhador latino-americano as condições necessárias para a reprodução de sua força de trabalho. Este seria, portanto, o traço específico das formações sociais dependentes, que superexploram a sua própria força de trabalho, enquanto os países industriais desenvolvem a capacidade produtiva de seus trabalhadores. As consequências desse regime de *superexploração* vão além do âmbito estritamente econômico. Na dimensão econômica, restringe o mercado interno, reduz ao mínimo possível a remuneração da força de trabalho e nega aos trabalhadores bens de consumo essenciais para a sua sobrevivência. Do ponto de vista social, relega a maioria da população trabalhadora à fome, à pobreza, à miséria.

Na virada do século, alguns autores dependentistas buscaram compreender as mudanças no mundo do trabalho à luz da categoria formulada por Marini. O próprio autor, em seu *Procesos y tendencias de la globalización capitalista*, deu pistas da sua análise sobre as transformações engendradas pelo novo padrão de acumulação, neoliberal e globalizado, e pela nova Divisão Internacional do Trabalho que nascia da Revolução técnico-informacional do fim do século (ascensão da informática, nascimento do Vale do Silício). Marini apontava para um processo de homogeneização global da acumulação, para o surgimento de um exército industrial de reserva global e pelo pleno estabelecimento da lei do valor, elementos que decorriam de um processo cada vez mais acentuado de integração econômica entre as nações. A partir daí, Marini discorria sobre a possibilidade de uma generalização da superexploração da força de trabalho, que

deixaria de ser o mecanismo distintivo da acumulação na periferia do capitalismo para se tornar a regra da extração de mais-valia também nas economias centrais (Marini, 2008).

A hipótese passou a ser mais amplamente discutida por alguns autores dependentistas na década de 2000. O debate, em última instância, é um debate sobre o que a *superexploração* e qual lugar ela ocupa no interior da Teoria Marxista da Dependência. A hipótese da extensão da categoria revelou a existência de uma linha interpretativa que entende a *superexploração da força de trabalho* como uma *maior exploração* do trabalhador. Nesse sentido, a precarização do trabalho no mundo a partir do final do século passado corresponderia a um processo de aumento da exploração (*superexploração*, se entendida nesses termos) da força de trabalho, com vistas a conter a queda das taxas de lucro do sistema a partir da crise estrutural do capital nos anos 1970. Nessa lógica, a *superexploração* corresponderia não somente a uma maior exploração da capacidade produtiva do trabalhador, mas estaria se tornando a regra da acumulação também nos países centrais (Valencia, 2015). Sob essa ótica, a da extensão da categoria como um mecanismo estrutural de acumulação nas formações sociais imperialistas, a especificidade do capitalismo dependente, crucial para a formulação teórica dependentista, é esvaziada de sentido.

A análise realizada nesta pesquisa opõe-se a essa interpretação. Tal como formulada pelos autores clássicos da Teoria Marxista da Dependência, a *superexploração da força de trabalho* corresponde a uma categoria específica e estrutural da condição dependente, de modo que não pode ser desvinculada do movimento específico da acumulação em formações sociais deste tipo. Embora nos últimos cinquenta anos tenha havido, inegavelmente, um processo de intensificação da exploração da força de trabalho nos países centrais, esse processo não corresponde à *superexploração da força de trabalho* tal como concebida pelos teóricos dependentistas clássicos. Isso porque a categoria não pode ser compreendida simplesmente como *maior exploração*, mas como um elemento específico e estruturante da condição de dependência. A categoria é incapaz de atingir seu sentido teórico e político pleno se dissociada de outros mecanismos que compõem o quadro da condição dependente, tal como o intercâmbio desigual e a transferência de valor; e gera efeitos particulares, tal como a restrição do mercado interno e a constituição de um exército industrial de reserva ampliado.

CONCLUSÕES:

Os resultados apontam que a tentativa de estender estruturalmente a categoria aos países centrais, como propõe parte da literatura recente, compromete a especificidade teórica e histórica da dependência ao sugerir uma homogeneização do padrão de acumulação global. Conclui-se que a *superexploração*, enquanto mecanismo fundante da acumulação nas economias periféricas, está intrinsecamente ligada à inserção desigual dessas formações no sistema capitalista mundial. A análise revelou que a categoria *superexploração da força de trabalho*, tal como formulada pelos teóricos marxistas da dependência, não

pode ser reduzida a uma intensificação da exploração do trabalho ou transposta como categoria estrutural para compreender o processo de acumulação de capital nas economias centrais. A pesquisa sustenta que, embora elementos da *superexploração* possam aparecer conjunturalmente em países desenvolvidos, a categoria se constitui como um mecanismo estrutural e fundante do padrão de acumulação das formações dependentes. Assim, a tentativa de estendê-la ao capitalismo central reduz a sua capacidade explicativa ao ignorar os fundamentos históricos e as determinações específicas da dependência.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, Niemeyer. (Org.). **Desenvolvimento e dependência**: cátedra Ruy Mauro Marini. Brasília: Ipea, 2013.

CUEVA, Agustín. Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia (1974). In: MOREANO, A (org.). **Agustín Cueva: entre la ira y la esperanza y otros ensayos de crítica latinoamericana**. México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FELIX, Gil & GUANAIS, Juliana. (Orgs.) **Superexplotación del trabajo en el siglo XXI**. Bremen: El Tiple, 2019.

MARINI, Ruy. Dialética da Dependência. **Germinal: marxismo e educação em debate**. Salvador, v. 9, n. 3, p. 325–356, 2017.

MARINI, Ruy. **La crisis teórica**. In: América Latina: integración y democracia. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1993.

MARINI, Ruy. **Procesos y tendencias de la globalización capitalista**. In: MARTINS, C. América Latina, dependencia y globalización. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2008.

SERRA, José; CARDOSO, Fernando. As desventuras da dialética da dependência. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 23, p. 33-80, 1979.

VALENCIA, Adrián. **Las mediaciones de la superexplotación**: una propuesta metodológica para el análisis de la nueva dependencia. Ciudad de México: Gedisa, 2024.

VALENCIA, Adrían. **The Future of Work**: super-exploitation and social precariousness in the 21st century. Brill, 2015.